

REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA GUERRA DE CANUDOS: VISÃO DO ESTRANGEIRO

Ivânia Campigotto Aquino¹

RESUMO: Por meio do romance *La guerra del fin del mundo*, publicado em 1981, Mário Vargas Llosa atribui novos significados aos acontecimentos ocorridos em Canudos no final do século XIX. Ao recriar a guerra na ficção, o escritor peruano redescobre o Sertão baiano, traduzindo-o como um espaço sociocultural que ainda resiste ao completo decifrar. A narrativa se origina do diálogo entre as informações históricas e as representações de imagens, configurando uma guerra na qual não há vitoriosos. A representação literária de Canudos no romance estudado revela um processo de criação que busca descortinar outras guerras dentro da grande guerra, criando um imaginário sobre o povo sertanejo e o governo central em que as lutas travadas pelos indivíduos consigo mesmos são tão presentes no cotidiano do sertão quanto as batalhas com o Exército Brasileiro. Ambas revelam a resistência do homem naquele contexto adverso à continuidade da vida.

Palavras-chave: Canudos; Romance; Representação literária.

LITERARY REPRESENTATION OF CANUDOS WAR: FOREIGN VISION

ABSTRACT: Through the novel *La Guerra del Fin del Mundo*, published in 1981, Mario Vargas Llosa assigns new meanings to the events occurred in *Canudos* in the late nineteenth century. By recreating the war in fiction, the Peruvian writer rediscovers the Bahian backlands, manifesting it as a sociocultural place that still resists to the complete decipher. The narrative originates from the dialogue between the historical information and representations of images, setting up a war in which there are no winners. The literary representation of *Canudos* in the studied novel reveals a creative process that seeks to uncover other wars in the Great War, creating an imaginary about the backcountry people and the central government in which the struggles waged by individuals themselves are so present in the everyday life of the backlands as battles with the Brazilian Army. Both reveal the man's resistance in that context so adverse to the continuity of life.

Keywords: Canudos; Novel; Literary representation.

Questão introdutória

A Guerra de Canudos, ocorrida em 1897 no Sertão baiano, envolvendo sertanejos e governo federal, como também a formação singular da comunidade de Belo Monte, liderada

¹ Doutora em Letras - Literatura Brasileira (UFRGS), com Pós-Doutorado em Letras - Literatura Brasileira (UFRGS). Professora de Literatura no curso de Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF).RS, Brasil, ivania@upf.br.

por Antônio Conselheiro, são fenômenos que têm, desde aquela época, modificado profundamente os escritos literários e históricos que dão sentido à política, à sociedade e à cultura brasileiras. Apresentando-se como desafios a essas duas formas de narrar, os fatos verdadeiros e imaginários que desde então envolvem o acontecimento histórico de Canudos sempre exigiram novas interpretações, permitindo diferentes reescritas.

A organização social particular do grupo dos conselheiristas conseguiu, entre outras coisas, atrair a atenção do restante do Brasil, principalmente do seu governo republicano, para aquele espaço territorial brasileiro esquecido até então. Também os intelectuais voltaram-se para ele, integrando-o ao registro escrito que narrava a história do país, como lugar de formação de sujeitos construtores da história. Com isso, a historiografia brasileira recobriu uma clareira que nela subsistia. Contar os sucessos de Canudos revelou-se uma busca incessante para compreender uma instância profunda da história brasileira, que emergiu no final do século passado e se constituiu um fenômeno que ainda mantém velada grande parte de sua essência.

O trabalho primoroso que, efetivamente, sistematizou o episódio da Guerra de Canudos e trouxe uma teorização sobre as condições que a justificaram foi a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, um texto agregador de elementos literários, históricos e científicos. O engenheiro politécnico, o insubordinado militar reformado, o apreensivo republicano⁴ acrescentou às suas atividades o trabalho de repórter na Bahia, a serviço do jornal *O Estado de São Paulo*, que lhe determinara a tarefa de acompanhar e registrar a ação do Exército brasileiro na destruição de Canudos. Integrou-se à quarta e última expedição, formada por oito mil homens e ficou na região sertaneja de agosto a outubro de 1897. Mesmo que a leitura dos acontecimentos relatados em “A luta”, última parte de seu livro vingador, dê ao leitor a impressão de que o autor tenha sido observador direto de todo o conflito, sabe-se que isso não aconteceu. O historiador Marco Antonio Villa, em *Canudos: o povo da terra* (1997), faz uma reconstrução do itinerário de Euclides da Cunha em sua viagem a Canudos e demonstra que o mesmo ficou em Canudos de quinze a dezesseis dias, tendo se aproximado das trincheiras apenas duas vezes e visitado somente uma vez algumas casas destruídas do arraial.

Ao retornar para São Paulo, Euclides da Cunha pôs-se a escrever sua obra inaugural, que foi constituída a partir da sua subjetividade, observação direta dos fatos, de pesquisas bibliográficas, entrevistas, anotações e recolhimento de notícias em jornais. Certamente, foi essa base plural, fornecedora de informações reais e ficcionais, que possibilitou ao escritor

reconstruir os episódios daquele evento, chegando à obra-prima *Os sertões*, graças à qual a memória de Canudos se preservou.

Desde que foi publicado, em 1902, o livro *Os sertões* transformou-se em fonte de pesquisa para historiadores e literatos nacionais e estrangeiros que abordam o tema da Campanha de Canudos. As afirmações e interpretações do episódio de Canudos propostas no livro são repetidas, comentadas e contestadas, conforme a visão dos intelectuais que se propõem a investigar o evento.

A obra de Euclides da Cunha não foi o único relato da guerra a surgir naquele período. Levine (1995) examina registros de estudiosos anteriores a Euclides, como José Aras, Dantas Barreto, Manuel Benício, Souza Dantas, Opató Gueiros, Alvim Martins Horcades, Aristides A. Milton, frei João Evangelista Monte Marciano, Favilla Nunes, Lélis Piedade, Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares, José Américo Camilo Souza Velho e César Gama. Todos narram suas visões do ocorrido. No entanto, a visão de Canudos traduzida em *Os sertões* tornou-se a base da interpretação oficial do evento. Trabalhos publicados durante e após o término do conflito foram ofuscados pela sua análise. Tome-se como exemplo o ocorrido com Manoel Benício, correspondente do *Jornal do Comércio*, que testemunhou mais fatos do que Euclides e narrou-os em *O rei dos jagunços*. Mesmo tendo sido publicado em 1899, portanto três anos antes de *Os sertões*, seu livro não conseguiu se destacar, ao passo que, decorridos cinco anos da eliminação da comunidade conselheirista, foi publicado o engenhoso livro de Euclides e assiste-se a uma comoção geral.

É difícil justificar com precisão por que *Os sertões*, desde que se ofereceu à leitura, consegue comover o público. No entanto, podem-se elencar algumas das características nele presentes que certamente colaboraram para isso. A fórmula que Euclides encontrou para apresentar a sua visão dos fatos é uma delas: *Os sertões* promove o diálogo entre várias instâncias do conhecimento, dentre as quais se devem destacar a literatura e a história. A escolha de termos descritivos que revelam uma narrativa marcada por uma linguagem altamente poética também particulariza a obra. Note-se o quanto o escritor valia-se de metáforas quando descrevia os moradores do arraial conselheirista:

Madonas emparceiradas a fúrias, belos olhos profundos, em cujos negrimes afuzila o desvario místico; fronte adoráveis, mal escampadas sob os cabelos em desalinho, eram profanação cruel afogando-se naquela matulagem repugnante que exsudava do mesmo passo o fartum das carcaças imundas e o lento salmear dos benditos lúgubres como responsórios (1998, pp. 170-171).

Ainda, a caracterização que faz dos sujeitos históricos lembra nitidamente as descrições de personagens romanescas. Há precisão, detalhes e sugestões que tipificam a imagem que o escritor deseja transmitir sobre os atores do episódio, como se pode observar na descrição do sertanejo:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. (CUNHA, 1998, p. 105)

Para sintetizar a sua concepção do sertanejo, Euclides elabora uma descrição que emerge da dualidade “forte/fraco”, fazendo um jogo com vocábulos que, no contexto de sua análise, tornam-se polissêmicos, como “raquitismo exaustivo”, “plástica impecável”, “desempenho”, “desgracioso”, “desengonçado”, “torto”. Essa dualidade ganha uma forma definitiva quando o sertanejo é comparado a um “Hércules-Quasímodo”, ou seja, o homem do Sertão é uma combinação de heroísmo e força com monstruosidade. É no poder dos recursos próprios do discurso literário – polissemia, antíteses – e no vigor das imagens imortalizadas pela cultura e pela arte literária – Hércules, o grande herói grego, servindo de símbolo da força e da resistência do sertanejo, e Quasímodo, conforme fora celebrizado por Vitor Hugo, no romance *Notre Dame de Paris*, representando os aspectos desgraciosos do mestiço – que o escritor busca as estratégias para eternizar a figura do sertanejo.

Apesar da subjetividade e idealização que permeia a representação do Sertão, da sociedade sertaneja e da Guerra de Canudos, muitos intelectuais descobriram, na totalidade do relato que forma o livro, a qualidade de um importante documento social e histórico. Além disso, *Os sertões* foi caracterizado por Stefan Zweig, escritor austríaco que esteve no Brasil na década de 1940, como “um grande épico nacional”, que oferecia “uma copiosa descrição psicológica de parte da nação brasileira, do povo e do país.” (apud Levine, 1995, pp. 21-22)

Para mostrar uma visão de conjunto da Guerra de Canudos, Euclides organizou um histórico da própria terra brasileira, recorreu a números, estatísticas, relação de batalhões – o que caracteriza uma simples crônica histórica; também buscou depoimentos pessoais, dentre os quais os seus próprios; organizou partes que são de fato uma narração histórica conforme

atualmente se concebe, apresentando o real através da utilização de recursos ficcionais e, ainda, fez observações, reflexões e interpretações de acordo com diferentes áreas do saber humano.

O gênero romance caracteriza-se por estruturar experiências vivenciadas no tempo. Em seu enredo, as dimensões da verdade vão se descortinando à medida que os fatos, apresentados por uma variedade de vozes, são organizados na ordem discursiva, a qual constitui uma narrativa composta por recursos diversos, que possibilitam ao passado reescrito revelar-se ao presente como uma inconclusão. Isso demonstra que, de fato, só é possível obter do passado uma visão limitada e possível, e não totalizante e única.

O gênero textual romance constrói o possível que compete à obra de arte. Esse possível, segundo teorização de Àvila (1997, p. 43), significa “o que pôde ser feito e que, por isso, também poderá ser transformado”. Nesse sentido, *La guerra del fin del mundo*, de Mario Vargas Llosa, traz uma visão possível acerca dos muitos acontecimentos da Guerra de Canudos, visão constituída, muitas vezes, pelo deslocamento de sentidos historicamente estabelecidos pela grande narrativa que vem significando essa imagem histórica do Brasil.

A representação da guerra: aspectos textuais

Cumprindo o papel do romance histórico moderno, qual seja, integrar o histórico e o científico para que o romance venha a ser um meio de fazer com que o leitor se conscientize sobre a natureza específica do referente histórico e do material literário, *La guerra del fin del mundo* (1981) estabelece um quadro no qual se encontram as informações históricas e as informações imaginadas pelo escritor sobre a guerra de Canudos, que conferem sentido às ações descritas. Assim, centrando-se naquele tempo e naquele espaço da guerra, o narrador descreve a aparência física de uma personagem, suas vestes e suas tarefas, sem identificá-la de imediato. Usando da liberdade que lhe cabe, a voz deste narrador subtrai a personagem do tempo e do espaço reais e a transporta para uma dimensão mítica, a exemplo das epopeias, ao afirmar: “Era imposible saber su edad, su procedencia, su historia, pero algo había en su facha tranquila, en sus costumbres frugales, en su imperturbable seriedad que, aun antes de que diera consejos, atraía a las gentes.” (LLOSA, 1997, p. 15). Na sequência da construção, o estilo físico, o vestuário e a missão da personagem permitem constatar que se trata de Antônio Conselheiro, a principal figura histórica da guerra.

A reflexão crítica sobre o isolamento sociopolítico em que o sertão baiano se encontrava na época da guerra de Canudos demarca uma interpretação do Brasil. O narrador questiona sobre quanto tempo depois teriam chegado ao local as notícias da abolição da escravatura e da mudança do sistema político de Monarquia para República. Supõe que o atraso tenha sido de meses e que, certamente, as notícias são apresentadas distorcidamente. A narrativa ressalta a dificuldade de entendimento dos fatos e de suas repercussões, por parte dos sertanejos, e a pouca importância que as tais transformações têm para eles, já que suas preocupações dirigem-se para outras instâncias, a da fé e a da salvação. A reflexão se intensifica quando o narrador resolve questionar se, de fato, a sorte daquele povo teria possibilidade de tomar outro rumo. A República interromperia a tragédia contra a qual sempre haviam se mostrado resistentes, descobrindo, no cotidiano, novas formas de sobreviver, provindas do sofrimento e da carência total de condições materiais? O narrador é enfático:

¿Que había cambiado ahora que había Presidente en vez de Emperador en la atormentada tierra del Norte?

¿No seguía luchando contra la esterilidad del suelo y la avaricia del agua el labrador para hacer brotar el maíz, el frejol, la papa y la mandioca y para mantener vivos a los cerdos, las gallinas y las cabras?

¿No seguían llenas de ociosos las aldeas y no eram todavía peligrosos los caminos por los bandidos?

¿No había por doquier ejércitos de pordioseros como reminiscencia de los estragos de 1877?

¿No eram los mismos los contadores de fábulas?

¿No seguían, pese a los esfuerzos del Consejero, cayéndose a pedazos las casas del Buen Jesús?" (LLOSA, 1997, p. 32).

Fatos históricos e subjetividade combinam-se e proporcionam ao leitor compor uma linha de pensamento reflexiva sobre a guerra. As interrogações partem do próprio narrador, que mergulhado na situação que vem construindo, toma partido, mostra-se questionador. Entretanto, o narrador que pergunta (re)produz uma vontade coletiva, isto é, a vontade das personagens, que, pelo poder envolvente da estética do texto, também passa a ser a vontade do leitor. Os fatos históricos integram-se a um processo de criação de consciência.

Nos momentos iniciais do conflito, ocorre o combate de Masseté, no qual a expedição militar é surpreendida pelos conselheiristas e quase toda dizimada. Nas outras lutas que se seguem, o narrador não deixa de penetrar no íntimo do arraial e dos seus habitantes para construir uma versão possível dos momentos que antecedem os encontros com os inimigos. O discurso traduz a condição humana das personagens. Serve de exemplo a essa constatação a

passagem que descreve a reação de Antonio Vilanova, sujeito histórico, em meio ao “estallar de los cañonazos” numa das noites de guerra:

¿Tengo miedo?” (...) No, no era miedo. En sus años de comerciante, cruzando los sertones con mercaderías y dinero, había corrido muchos riesgos sin asustarse. Y aquí, en Canudos, como le recordaba el Consejero, había aprendido a sumar, a encontrar sentido a las cosas, una razón última para todo lo que hacía y eso lo había liberado de ese temor que, antes, en ciertas noches de desvelo, llenaba su espalda de sudor helado. No era miedo sino tristeza” (LLOSA, 1997, pp. 337-338).

Como se pode deprender da concepção de Hutcheon (1991) sobre a escrita contemporânea da literatura e da história, o discurso literário constitui-se num sistema de significação pelo qual o passado de lutas dos jagunços e sua oposição ao exército recebe sentido.

O contexto das agitadas atividades que decorriam da guerra também são construídas na narrativa. Os fatos que se sucedem a cada bombardeio, as trilhas percorridas pelos jagunços, as estratégias seguidas por esses para atacar e se proteger, a responsabilidade dos mensageiros que se deslocam, constantemente, entre a comunidade e os locais em que os sertanejos formavam as trincheiras, as ações e sentimentos dos que estavam no comando dos ataques, como João Abade, João Grande, os Vilanova, Pedrão e Pajeú, são abordados detalhadamente. O narrador também dirige o olhar do leitor para as condições em que se encontram os habitantes de Belo Monte a certa altura da luta, quando já eram escassas a comida e a água. Comovem a miséria, a fome e a fadiga em meio aos combates.

Antonio Vilanova siente el cansancio en las piernas, acalambradas e hinchadas. ¿Está envejeciendo? És una sensación de los últimos meses. ¿O es la tensión, la actividad frenética provocada por la guerra? Ha bajado tanto de peso que ha abierto nuevos agujeros a su cinturón y Antonia Sardelinha ha tenido que arreglarle sus dos camisas que le bailaban como camisolas. ¿Pero no les ocurre eso mismo a los hombres y mujeres de Belo Monte? (LLOSA, 1997, p. 469).

Com base nos fatos históricos, resgatam-se os valores e os princípios organizativos que mantêm esperançosos e resistentes os defensores da comunidade. Quando Belo Monte, nos últimos momentos da luta, mesmo agindo com intensa resistência, já está próxima à destruição total, o narrador, mostrando-se um verdadeiro investigador do íntimo das

personagens, confirma a história ao mesmo tempo em que a supera. Mantém a versão de que o núcleo não cedeu à investida devastadora do exército e, além disso, reconhece as possíveis reações e pontos de apoio dos lutadores em meio à defesa, que não se restringe à proteção da estrutura física do arraial, mas representa salvar as razões que possibilitaram a sua formação, como a utopia de uma sociedade justa e igualitária.

Na reconstituição de episódios da guerra, a queda da torre da igreja em consequência dos tiros contra ela disparados, o narrador usa a técnica narrativa de focalizar uma personagem e narra os acontecimentos do momento a partir da reação dela. A personagem é Beatinho, o qual ouve gritos, choros, correrias, rangidos, desabamentos e até mesmo as comemorações dos soldados diante da torre destruída; imagina o que todos imaginam, inclusive o leitor: os homens que tombaram junto com o campanário, os inúmeros feridos, doentes, inválidos, mulheres grávidas, recém-nascidos e idosos que devem estar mortos ou agonizando, triturados sob os escombros da torre.

Na representação da morte de Antônio Conselheiro, muito mais do que registrar o acontecimento histórico, são descritos os sentimentos e a esperança dos sertanejos, as suas reações diante do fim da existência de seu líder, as formas como experimentam os últimos dias de resistência. Olhares e vozes são recuperados pela ação discursiva e lembram à historiografia que é necessário voltar-se para as outras dimensões da verdade objetiva do passado. Há, nesse caso, uma aproximação das formas discursivas literária e histórica, pelo fato de o narrador eleger como imagem a recuperar uma instância dos acontecimentos históricos que significa a história vista de baixo, atitude esta que revela a sua recorrência a uma das tendências atuais da historiografia a que muitos historiadores estão se voltando, a micronarrativa. Trata-se da narração da história das pessoas comuns no local onde vivem.

Podem ser destacados dois momentos narrados dentre aqueles que atribuem significado às horas derradeiras do beato. Num destes instantes, que servem para o narrador não perder de vista o seu propósito de elevar a imagem de herói do líder de Canudos, o Conselheiro age de modo semelhante a Cristo, quando este designou a missão aos seus apóstolos. Na presença de um grupo de fiéis, o beato determina a Antônio Vilanova:

- Anda al mundo a dar testimonio, Antonio, y no vuelvas a cruzar el círculo. Aquí me quedo yo con el rebaño. Allá irás tú. Eres hombre del mundo, anda, enseña a sumar a los que olvidaron la enseñanza. Que el Divino te guíe y el Padre te bendiga. (...) Lleva contigo a tu familia, para que no estés solo (LLOSA, 1997, pp. 514-515).

Com esse discurso, o narrador destaca a continuidade que têm, para quem se salvou da queda do arraial, a experiência de fé e os valores cultivados a partir dos testemunhos e pregações do beato. Isso, de fato, se realizou, como atesta, em entrevista, o sertanejo João de Régis, nascido em 12 de junho de 1907, filho de Reginaldo José de Matos e Joana, ambos sobreviventes da destruição de Canudos.

Na reportagem feita por Luiz Antônio Araujo, João de Régis afirma que seus pais permaneceram fiéis aos ensinamentos de Antônio Conselheiro até o fim da vida: “O povo daquela época era muito devoto do Conselheiro. Meus pais só falavam bem dele.” (ARAÚJO, 1999, p. 8) Tem-se, então, no romance, a representação do real, realizada por um narrador atento e profundamente sabedor do que de fato ocorreu e dos consequentes prolongamentos daquela experiência social e cultural.

Outra parte do discurso que sugere ressignificar a importância que tinha o Conselheiro para os fiéis é o registro do momento em que o vigário anuncia que o líder morreu: “– Ha rendido su alma a Dios – balbucea y la frase es para los presentes más estruendosa que el estrépito de afuera.” (LLOSA, 1997, p. 517)

O romance apresenta um fecho alternativo para a morte do líder religioso daquela comunidade baiana, destruída pelo exército, o que o faz uma narrativa mais aberta no sentido de provocar, no leitor, questionamentos e proposição de conclusões próprias. A imaginação que permeia a recuperação do acontecido de fato é, na verdade, eco do ambiente canudense, que, inevitavelmente, legou aos pesquisadores dimensões de sua verdade, e não a manifestação de uma totalidade que se oferece ao completo conhecer.

A morte do Conselheiro não é anunciada para todos aqueles que ainda viviam no arraial, evitando, assim, a desmotivação. O sertanejo João de Régis declara que ouvia de seus pais a história de que a fidelidade ao líder religioso foi determinante para os habitantes de Belo Monte suportarem a fome e o cerco das tropas oficiais. A morte do Conselheiro, nas últimas semanas do conflito, provocou o afrouxamento da resistência. João declara: “Meu pai dizia que muita gente saiu depois que o Conselheiro morreu. Os que não souberam da morte ficaram, mas os que souberam fugiram.” (ARAÚJO, 1999, p. 4). As personagens Beatinho, João Abade, Pajeú e João Grande são as vozes eleitas para reconstruir o fato. A imagem deste passado é reapresentada e se aproxima intimamente do testemunho de João de Régis.

No discurso ficcional, Beatinho propõe que o corpo seja levado ao templo e velado durante três dias e três noites. Além disso, sugere transportá-lo, em procissão, por todas as casas e ruas de Belo Monte. A isso João Abade se opõe, considerando que não devem dizer às

peessoas que o homem por quem estavam lutando, mesmo que não tenham balas nem comida, morreu. Da mesma forma, Pajeú argumenta: “– No podemos decirles que se ha muerto. No ahora, no en estos momentos. Todo se vendría abajo, sería la estampida, la locura de la gente. Hay que ocultarlo, si queremos que sigan peleando.” (LLOSA, 1997, p. 518)

A luta ainda segue durante alguns dias, mas, a cada estrondo, parte do arraial é eliminada impiedosamente, até que, como de fato se deu na história, o fim do romance é o fim de Belo Monte.

O modelo de organização social de Canudos é desvinculado dos padrões vigentes no Brasil. Ao predomínio do latifúndio, da propriedade privada, à coerção dos coronéis, à divisão de classes e à exploração do homem pelo homem, Canudos responde com a prática da reforma agrária (a terra era de todos), com a administração de sua religiosidade popular e a partilha de todos os bens. Às populações migratórias dos estados de Pernambuco, Sergipe, Ceará, Alagoas e Bahia, que vinham integrar-se ao grupo conselheirista, aquela nova sociedade representava, além de um refúgio para o sofrimento e a escassez provocados pela seca, pelo atraso e pela exploração, a possibilidade de realizarem, naquele tempo e naquele espaço definidos, uma vida alternativa, baseada em uma prática sociopolítica autônoma, uma experiência de justiça e igualdade social.

Para o barão de Canabrava, latifundiário aristocrata a quem pertencia a fazenda ocupada por Antônio Conselheiro e seus seguidores, o espaço e o tempo da guerra foram de sucessivas perdas. A fazenda foi a primeira delas, a que se seguiram a decadência política, a queima da fazenda Calumbi, a loucura da mulher.

A trajetória dessa personagem é outra pequena narrativa que vem a formar a grande narrativa, através da qual ficam explícitos alguns questionamentos em relação à realidade política da época e à forma de se fazer a história. Percebe-se isso principalmente nas passagens que correspondem à reconstituição feita pelo narrador literário da tese da conspiração contra a República que Canudos estaria realizando, no intuito de restaurar a Monarquia. A esse acontecimento liga-se a história do barão e de seus companheiros do Partido Autonomista Baiano, tendo como contraponto a história de Epaminondas Gonçalves e do Partido Republicano Progressista Baiano.

A destreza da invenção literária que vem a ser o romance resulta na criação de um enredo envolvente e concatenado, o qual remete às questões relevantes que constituem dimensões da verdade do evento. Pode-se perceber isso na forma como o narrador apresenta a decisão de o governo federal intervir militarmente na Bahia, enviando um Regimento do

exército contra Canudos, que foi a Terceira Expedição. É reproduzido um possível diálogo entre o barão, o governador do estado e um deputado. Este, em sua fala, deixa às claras o equívoco que foi para a história a vinculação de Canudos a razões pertinentes à restauração monarquista:

- Es decir, el Gobierno y el Congreso oficializan la tesis de la conspiración (...). Es decir, los fanáticos Sebastianistas quieren restaurar el Imperio, con ayuda del Conde de Eu, de los monárquicos, de Inglaterra y, por supuesto, del Partido Autonomista de Bahía. Todas las patrañas estúpidas de la ralea jacobina convertidas en verdad oficial de la República (LLOSA, 1997, p. 175).

À personagem é dada a oportunidade de discutir a questão com o representante do governo federal, coronel Moreira César, quando este esteve na fazenda do barão para se recuperar da doença que o atacou durante a investida contra Canudos. Num discurso que revela as discrepâncias políticas existentes entre as representações, percebe-se a não comunicação que há entre as instâncias que, mesmo sem saber ao certo os reais motivos de Antônio Conselheiro e seu grupo, agem segundo suas próprias ideias e interesses.

De um lado, argumenta o barão que foi forjada uma manobra, por meio da qual o Rio de Janeiro, o governo e o Exército acreditaram que Canudos significava um perigo ao novo regime. Tenta explicar ao coronel que os jagunços não passam de miseráveis, que não possuem sequer armamentos para enfrentar o exército. De outro lado, o coronel, personagem que materializa os ideais da República, insiste que há uma rebelião de pessoas que negam o regime implantado e derrotaram duas expedições militares. Para ele, Canudos é um instrumento nas mãos dos que não aceitam a República livremente e pensam em traí-la e manter o sistema tradicional.

Na voz do barão, o que parece uma defesa de Canudos, no momento da conversa com Moreira César, não passa de um mero discurso para se contrapor politicamente ao adversário. Na discussão sobre a situação na qual se encontram as fazendas da região devido às migrações para o Belo Monte, ele se revela um verdadeiro opositor dos conselheiristas, pois, sendo um dos que sofreram perdas econômicas em consequência do fenômeno, confessa que os jagunços são o seu inimigo número um, que causarão a falência econômica da Bahia e defende que é urgente colocar um fim à loucura que entende ser Canudos. Por meio de suas palavras, fica reconstituído o temor que os conselheiristas representavam para os latifundiários:

Las tierras van a quedar inservibles y todo se está yendo al diablo. (...) Y, lo peor, una región donde la falta de brazos fue siempre un problema, va a quedar despoblada. A la gente que se marcha ahora en masa, no la vamos a traer de vuelta. Hay que atajar de cualquier modo la ruina que está provocando Canudos (LLOSA, 1997, p. 289).

Vê-se, então, que, pela narrativa sobre a trajetória do barão de Canabrava, explicita-se outra instância da realidade que determinava as condições políticas, sociais e econômicas daquela época. É a partir da sua situação, representada no texto literário, que é contemplada a repercussão que teve a formação da comunidade de Canudos para os grandes latifundiários e os coronéis no que se refere à manutenção da mão de obra de que precisavam para manter seus capitais. O narrador busca aprofundar ainda mais essa questão quando insere no romance a voz de outra personagem que faz parte do mesmo universo político e econômico do barão. Trata-se da observação do coronel José Bernardino Murau, um fazendeiro dono de uma estância, “fresca, encalada, vieja, con resquebrajaduras en la pared, lucía desarreglada,” adjetivações que revelam a estratégia discursiva do narrador para intensificar o sentido da questão tratada, reforçando a visão sobre o quadro decadente que de fato se instala na classe social a que pertence José Bernardino Murau: “¿Sabes cuántos se han marchado de estas tierras en los últimos años? Cientos de familias. La sequía del 77, el espejismo de los cafetales del Sur, del caucho del Amazonas, y, ahora, el maldito Canudos.” (LLOSA, 1997, p. 198)

O barão de Canabrava dedica-se unicamente à difícil, senão impossível, missão de esquecer a guerra de Canudos. Para ele, Canudos é a sua ruína, é a razão de seu afastamento da política, a responsável pela perda da sua condição econômica como latifundiário e, principalmente, o acontecimento que retirou dele a parte que mais o completava na vida, o amor de Estela, sua esposa, que enlouquece após o incêndio da sua fazenda.

O cadáver de Antônio Conselheiro

O romance aproxima-se da história ao narrar a decapitação do cadáver de Antônio Conselheiro e os motivos que levam as autoridades governamentais a executar tal ação. A decapitação ocorre dois dias após a queda do último reduto. Beatinho, sob tortura, revela o local exato, no Santuário, onde está enterrado o corpo. Dirigiram-se para lá todos os chefes, dentre eles o general Artur Oscar, que ordena a Flávio de Barros fotografar o cadáver. O

narrador, assim, justifica a existência real de outro documento histórico registrado na quase totalidade dos estudos feitos sobre Canudos, qual seja, a fotografia do corpo do beato ao ser desenterrado.

Ainda intimamente ligado à história, o narrador recorre ao texto da ata oficial de exumação para descrever as características físicas do corpo e as roupas nele vestidas: tem os cabelos crescidos e cacheados, mede 1,68 m de altura, perdeu todos os dentes e não morreu de bala. Veste sua túnica azul, as alpercatas de couro cru e está envolto em uma esteira.

A história registra que a decapitação ocorreu devido à decisão de levar a cabeça até a Faculdade de Medicina da Bahia para que fosse examinada. Seu crânio seria transformado em objeto de estudo da ciência. Dos quatro médicos que fazem parte da operação no Santuário, é o major Miranda Curió, chefe do Serviço de Saúde em campanha, quem pega o serrote, enquanto os demais seguram o corpo. Metem a cabeça em um saco de cal e assim a levam até Salvador. É o tenente Pinto Souza quem a transporta e a entrega à Faculdade de Medicina. Uma comissão de cientistas, presidida pelo doutor Nina Rodrigues, estuda, mede e pesa a cabeça. O texto oficial com os resultados dos exames informa que a ciência não comprova nenhuma anormalidade constitutiva manifesta no crânio de Antônio Conselheiro.

Após toda a operação, faz-se necessário dar um fim à cabeça. Para evitar qualquer possibilidade de ela vir a se tornar objeto de devoção do povo, decidem não enterrá-la e, sim, depositá-la no fundo do mar, destino este que também desejam para a história de Canudos:

La calavera fue metida en un costal repleto de piedras, cosido y llevado de noche, en un bote, por un oficial, a un lugar del Atlántico equidistante del Fuerte San Marcelo y la isla de Itaparica, y lanzada al ceno marino, a servir de asiento a las madréporas. El oficial encargado de la secreta operación fue el mismo Teniente Pinto Souza: fin de la historia (LLOSA, 1997, p. 464).

Na reflexão que se segue, por meio dos diálogos e pensamentos das personagens, aparece a ideia de que o obscurantismo e os mal-entendidos, apesar de todas as visões expostas, ainda cercam o universo que determinou a Guerra de Canudos. Nesse sentido, a frase do jornalista míope “Canudos no es una historia, sino un árbol de historias” pode, tranquilamente, ser tomada como a conclusão de qualquer investigação que pretenda revelar dimensões da verdade objetiva daquele singular evento histórico chamado Canudos.

Considerações finais

A obra *La guerra del fin del mundo* está fundamentada no conceito teórico de representação, o qual sustenta tanto a construção literária quanto a historiográfica. As representações fazem a mediação entre conhecimento e realidade objetiva, sendo evidente, então, que as escritas ficcionais e históricas apresentam-se de forma semelhante, compartilhando fórmulas, figuras e estruturas.

Sob essa perspectiva, o narrador constrói representações do sertanejo como sujeito de sua história, forjadas essencialmente a partir de sua resistência. Há, no romance, o entrelaçamento da literatura e da história, com um discurso que leva a “vivenciar a literatura como a própria história”, como disse Lucas (1982, p. 95).

O universo interior constitutivo do texto de Vargas Llosa caracteriza-se por duas dimensões complementares: uma dada pelo misto de ficção e realidade que configura o interior da narrativa e outra alicerçada entre a diegese híbrida e o real exterior, documental, ao qual a trama remete. Sendo um texto literário pertencente ao subgênero que se convencionou chamar de “romance histórico”, *La guerra del fin del mundo* singulariza-se porque, mesmo se apresentando como uma transposição do real para o imaginário, dedica considerável espaço a enveredar pelo histórico. Mantém-se, em muitos momentos, fiel à história a ponto de ser possível reconhecer a realidade representada e, inclusive, testar a veracidade do discurso do escritor, que se oferece, enquanto produção literária, a um confronto com outros textos documentais. O romance leva a pensar que a literatura é, efetivamente, documento.

O romance histórico de Vargas Llosa contém sugestões aos historiadores que, de uma certa forma, já se preocupam em arranjar novas formas de narrativas para contar as novas histórias que se lançam a investigar. Peter Burke (1992, pp. 327-348) inclui nessas novas formas a micronarrativa e as histórias que se movimentam de frente para trás, entre os mundos público e privado, ou apresentam os mesmos acontecimentos a partir de várias perspectivas. Nesse sentido, a obra pode ser tomada como uma referência para a escrita da história em termos de formulação de expedientes de pontos de vista múltiplos. Além disso, suas estratégias discursivas fazem parte do conjunto de recursos que Peter Burke considera um caminho a ser seguido pelos historiadores para que a escrita da história não siga empobrecida pelo abandono da narrativa:

Visões retrospectivas, cortes e a alternância entre cena e história: essas são técnicas cinemáticas (ou na verdade literárias) que podem ser utilizadas de uma maneira superficial, antes para ofuscar do que para iluminar, mas podem também ajudar os historiadores em sua difícil tarefa de revelar o relacionamento entre os acontecimentos e as estruturas e apresentar pontos de vista múltiplos (BURKE, 1992, p. 348).

As narrativas que se desenvolvem sob a conciliação de recursos como os citados por Burke efetivamente promovem o renascimento da narrativa e visões largas dos eventos tratados.

Paul Veyne, que disse ser a história um romance real, ao teorizar sobre a questão “evento e documento”, afirma que há sempre um limite na apreensão de um evento, que se instala uma defasagem entre a experiência vivida e a narrativa sobre a mesma, pois a consideração de determinados pontos de vista sempre vai ignorar outros: “Em nenhum caso, o que os historiadores chamam um evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta e lateralmente, por documentos e testemunhos, ou seja, por *tekmeria*, por indícios.”(VEYNE, 1998, p.18)

O discurso do romance *La guerra del fin del mundo* está a serviço da historiografia que realmente pretende guardar a memória daquela guerra, opondo-se ao esquecimento. Apresentando múltiplas visões, corrobora a ideia de que, através da reconstrução de uma imagem do passado, questionam-se os fatos históricos edificados.

O romance renova o propósito de que a paisagem e o sertanejo que a ela se mistura, ambos desprezados, miseráveis e marginalizados, componham a literatura e a história mundiais. Sua colaboração para com a grande narrativa em construção sobre Canudos reacende a lembrança do “crime”, como Euclides da Cunha caracterizou aquela guerra.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, Luiz Antônio; CARLE, Ricardo. À sombra da ditadura científica. *Zero Hora*, Porto Alegre, 13 mar. 1999. Segundo Caderno, p. 4.

ARAÚJO, Luiz Antônio. Memórias de um filho de jagunços. *Zero Hora*, Porto Alegre, 20 mar. 1999. Segundo Caderno, p. 8.

ÁVILA, Henrique Manuel. *Da urgência à aprendizagem: sentido da história e romance brasileiro dos anos 60*. Londrina: Uel, 1997.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: campanha de Canudos. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ática, 1998.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEVINE, Robert M. *O sertão prometido*: o massacre de Canudos. Trad. Mônica Dantas. São Paulo: Edusp, 1995.

LUCAS, Fábio. Literatura e história: história da literatura. *Revista de Letras*. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 22, 1982. pp. 83-98.

LLOSA, Mario Vargas. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Seix Barral, 1997.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Unb, 1998.

VILLA, Marco Antônio. *Canudos*: o povo da terra. São Paulo: Ática, 1997.

Recebido em: 16/12/2015.

Aceito em: 07/04/2016.